

Viagem oficial ao Chile faz comitiva reviver passado ²⁹

Presidente, ministros e acompanhantes reencontram o país em que se exilaram durante o regime militar brasileiro

RIBAMAR OLIVEIRA

SANTIAGO — A emoção tomou conta da comitiva brasileira assim que o Boeing da Força Aérea Brasileira pousou no Aeroporto Arturo Merino Benito, na capital chilena, no início da tarde de ontem. A bordo estavam os ministros da Educação, Paulo Renato Souza, da Cultura, Francisco Weffort, o senador Arthur da Távola (PSDB-RJ) e o deputado Almino Affonso (PSDB-SP) — todos ex-exilados no Chile durante o regime militar no Brasil. “Meus olhos ficaram marejados”, admitiu Arthur da Távola.

O presidente Fernando Henrique chegou a Santiago às 23 horas e deverá permanecer no Chile até sábado. A visita tem um forte componente sentimental. Não está previsto o anúncio de nenhum acordo específico. Fernando Henrique passou o dia de ontem em Montevídeo, onde assistiu à posse do presidente Julio Maria Sanguinetti.

Agora no poder, os ex-exilados que chegaram mais cedo estavam ansiosos por andar pelas ruas de Santiago e rever velhos amigos,

alguns deles também no poder, como o atual presidente Eduardo Frei. A sensação de voltar ao local do antigo exílio como autoridade tem também um sabor especial. “É melhor ser poder do que exilado”, brincou o deputado Almino Affonso. “Todos nós sentimos que está na hora de botar todo o sofrimento que passamos a serviço do País”, emendou Arthur da Távola.

O ministro Francisco Weffort aproveitou a tarde e foi com Affonso e o deputado Benito Gama (PFL-BA) passear por Vitacura, um bairro nobre de Santiago, onde o presidente Fernando Henrique morou, de 1964 a 1967, com dona Ruth e seus

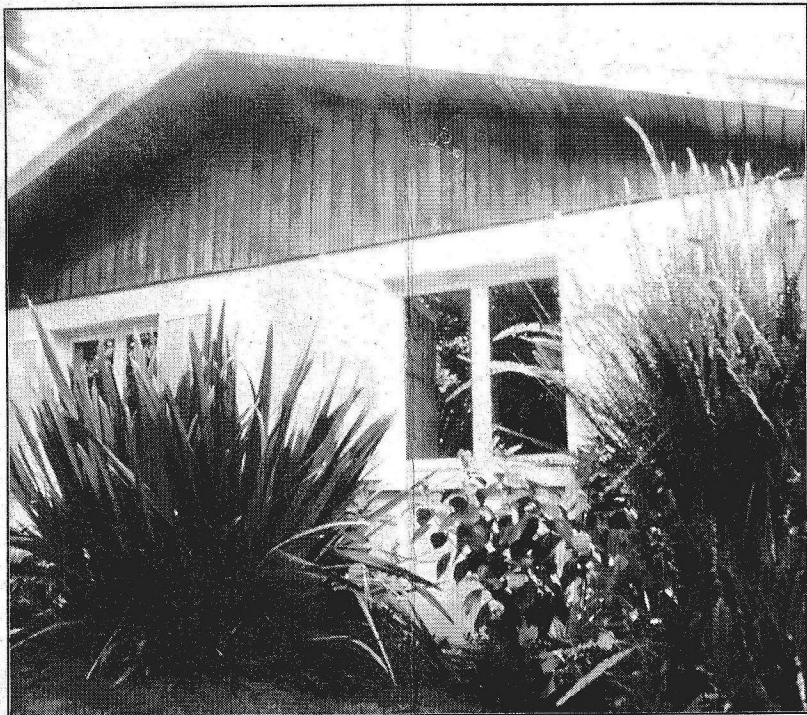
três filhos. A casa que Fernando Henrique alugou, na tranqüila rua La Ñipas, é simples mas confortável. Tem três quartos, uma sala com lareira, biblioteca, e um terraço onde se pode sentar debaixo de uma parreira. Na entrada da casa, uma macieira dá toque especial ao local.

O senador Arthur da Távola preferiu fazer um passeio diferente. Sozinho, andou pelas ruas de Santiago e entrou em algumas livrarias. Visivelmente emocionado, o senador disse que há 30 anos não voltava à cidade. “Antes não quis vir por causa de Pinochet”, afirmou. Távola se classifica como um dos exilados “pré-históricos” no Chile — os primeiros a chegar ainda em 1964.

“Éramos cerca de 45 pessoas”, lembrou Arthur da Távola. “Toda sexta-feira nos reuníamos para discutir política, a situação brasileira e os caminhos para a democratização”, contou. Os encontros às vezes eram realizados no restaurante El Parrón, no elegante bairro Providencia. Até hoje, Juan Romo, um antigo funcionário do restaurante, lembra-se de Fernando Henrique. “Ele se sentava sempre nos can-

tos do restaurante com seus amigos”, disse. A casa é especializada em “parrillada” — o churrasco dos chilenos. Os clientes ficam embaixo das parreiras, com cachos de uvas pendurados sobre as cabeças, daí o nome do restaurante. Os exilados brasileiros da época conseguiram emprego de três formas. O ex-presidente Eduardo Frei, pai do atual, arranhou algumas colocações, organismos da ONU absorveram outras (como para Fernando Henrique) e a Universidade do Chile empregou outros.

■ Na página A12, informações sobre a participação de Fernando Henrique na negociação do acordo entre Peru e Equador



A casa em que FH viveu durante o exílio: macieira na entrada

Wilson Pedrosa/AE



O restaurante El Parrón: churrasco chileno e discussões políticas